

A Construção da Narrativa Autobiográfica e o Processo de Resiliência na Produção da Minissérie “Bebê Rena”¹

João Moura Rocha Sobrinho²

RESUMO

Este resumo expandido propõe uma discussão sobre o impacto da narrativa autobiográfica audiovisual no processo de ressignificação de traumas, tendo como foco declarações do comediante britânico Richard Gadd, criador da minissérie “Bebê Rena”. Inspirada em experiências pessoais do autor – incluindo abuso sexual e perseguição de uma *stalker* –, a produção da série é analisada como um exemplo sobre como a arte pode atuar como instrumento de resiliência. Para tanto, o estudo faz uso de conceitos como o de resiliência, de Boris Cyrulnik, e de identidade narrativa, Paul Ricoeur, utilizando também declarações feitas pelo comediante durante entrevistas para revistas e portais de notícias.

PALAVRAS-CHAVE: narrativa autobiográfica; resiliência; audiovisual; minissérie.

Introdução

A menos de uma hora antes da apresentação começar, Richard Gadd não conseguia conter o nervosismo durante o último ensaio. Em breve, centenas de pessoas presentes à edição de 2016 do Festival Fringe de Edimburgo assistiriam a “Monkey see, monkey do”, peça que ele mesmo havia escrito e encenaria sozinho. O produtor do festival, percebendo a ansiedade exacerbada do autor da peça – um comediante estreante de 27 anos –, perguntou-lhe o que ele desejava obter a partir daquela apresentação. “Eu me virei pra ele, com lágrimas nos olhos, e disse: ‘Eu só quero sair dessa vivo’”, conta Gadd³ (tradução nossa).

Tamanho anseio do comediante tinha uma razão muito mais profunda e pessoal do que o simples temor de se apresentar em público. Em poucos instantes, Richard Gadd levaria ao palco uma obra na qual buscava expressar de alguma maneira o maior trauma de sua vida – o abuso sexual que sofrera anos antes, praticado por um produtor de TV que

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE02 - Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Mestre em Ciências Humanas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern).

³ Tradução do trecho “And I turned to him with tears in my eyes, and said, ‘I just want to make it out alive.’”. Disponível em: <https://www.theguardian.com/tv-and-radio/2024/apr/18/i-was-severely-stalked-and-severely-abused-richard-gadd-on-the-true-story-behind-baby-reindeer>

o manipulou através de promessas e uso de substâncias entorpecentes. Representar esse episódio e as suas consequências gerava medo, mas se apresentava quase que como uma necessidade para Gadd, que sentia que o silêncio sobre esse episódio o devorava por dentro.

Para a surpresa de Richard Gadd, o resultado da apresentação foi muito além da sua “sobrevivência” no palco. A peça foi premiada no festival e recebeu retorno positivo de grande parte do público e da crítica. Mais importante ainda para o autor, contudo, foi o efeito pessoal gerado pela aceitação dos espectadores à representação de seu trauma. “Mal eu sabia que aquilo significaria um instrumento de salvação para mim. A forma como as pessoas receberam a apresentação, e me receberam, e aceitaram o que aconteceu comigo. Isso salvou minha vida”⁴ (GADD, 2024a).

O passado pessoal de Gadd foi tema mais uma vez de uma peça teatral três anos depois, quando o comediante expôs em nova apresentação (“Bebê Rena”, 2019) outro trauma marcante em sua vida – ter sido perseguido durante anos por uma stalker⁵ cujo comportamento obsessivo trouxe uma série de consequências para sua vida pessoal e profissional.

Essas duas apresentações teatrais deram origem, em 2024, à minissérie “Bebê Rena”, produzida pela Netflix e roteirizada e estrelada por Gadd. Vencedora do Emmy como melhor minissérie daquele ano, a produção aborda os dois momentos enfrentados por Gadd, seus efeitos e os dilemas enfrentados pelo artista desde os acontecimentos.

De forma semelhante ao que ocorreu no processo de criação e apresentação de “Monkey see, monkey do”, a produção da minissérie trouxe dilemas ao comediante, que agora se preparava para não apenas representar sua história num formato diferente do que já estava habituado, como também poderia atingir um público potencialmente maior – o que de fato ocorreu. Já nas primeiras semanas após o lançamento, “Bebê Rena” tornou-se um sucesso de crítica especializada e público, sendo uma das séries mais aclamadas da plataforma de *streaming* em 2024.

⁴ Tradução nossa do trecho: “Little did I know that it would provide a lifeline for me. The way people received that show, and received me, and accepted what happened to me: it saved my life. It’s mad that it happened that way.”. Disponível em: <https://www.theguardian.com/tv-and-radio/2024/apr/18/i-was-severely-stalked-and-severely-abused-richard-gadd-on-the-true-story-behind-baby-reindeer> Acesso em:

⁵ O termo se refere à pessoa que persegue obsessivamente outra, de forma insistente e invasiva, podendo causar medo, constrangimento e danos emocionais à vítima. Acesso em: 2 maio 2025.

Após o sucesso da série, Richard Gadd fez diversas declarações sobre como a representação de seus traumas e a receptividade do público. Em entrevista à revista GQ, por exemplo, ele tentou resumir o processo:

Quando você começa a transformar isso (o trauma) em uma obra, você quase consegue – ao menos na minha experiência – tirar isso do seu corpo, dos seus poros. Você começa a enxergar como algo um pouco distante de si. [...] Não estou dizendo que todo mundo deve escrever roteiros de filmes ou fazer peças de teatro. Mas acho que todo mundo, em algum momento da vida, já se sentiu tão miserável que pensou: ‘Querido diário...’, e simplesmente colocou tudo no papel – e no fim, sempre há uma sensação de alívio. Acho que escrever e transformar isso em palavras realmente ajuda. Ajuda a tirar você de dentro da própria cabeça⁶ (GADD, 2024b).

Diante do impacto que a apresentação dos próprios traumas e a aceitação do público teve para Richard Gadd, este trabalho se propõe a discutir como a narrativa audiovisual autobiográfica pode se apresentar como um espaço de representação do passado e os efeitos dessa iniciativa para a relação entre seus autores e as situações e sentimentos que buscaram retratar, além de apontar os possíveis elementos mais relevantes nesse processo.

A discussão é feita através da análise teórica em torno da representação da realidade em obras audiovisuais e de seus efeitos para os realizadores, abordando em especial o conceito de resiliência, na perspectiva do médico e pesquisador francês Boris Cyrulnik. Para analisar o objeto foco do artigo, são utilizadas entrevistas publicadas em portais e entrevistas nas quais Gadd apresenta relatos sobre o assunto – em especial sobre quais elementos da própria história optou por apresentar ou enfatizar na obra e quais os efeitos da representação do próprio passado e da recepção do público à história.

Resiliência, identidade e narrativa

Para discutir os impactos da representação dos traumas passados de Richard Gadd, foi escolhido primeiramente o conceito de resiliência, a partir dos estudos de Boris Cyrulnik. Conforme o autor, a resiliência pode ser definida, de forma resumida, como um

⁶ Tradução do trecho: “When you start to process it into a piece of work, you almost manage to – at least in my experience – take it out of your body, and out of your pores. You start to see it as something a little bit distant from you,” he says. “I’m not saying everyone should write film scripts or do plays. But I think everyone in their life has at some point felt so wretched that they go, ‘Dear diary...’ and they just get all out on the paper, and by the end of it there’s always a feeling of relief. I think writing and processing it into the word really helps. It helps get you out of your head.” Disponível em: <https://www.gq-magazine.co.uk/article/richard-gadd-interview-2024> Acesso em: 3 maio 2025.

processo no qual um indivíduo recupera-se de um trauma psíquico e retoma o desenvolvimento natural da mente, que havia sido interrompido pelo abalo. Para o pesquisador, esse processo guarda uma estreita relação com a capacidade de criação de relatos sobre si mesmo – apresentados a um público ou não –, através dos quais o trauma pode ser ressignificado.

Ao buscar sintetizar a série de elementos que possibilitam a resiliência, Cyrulnik (2012) destaca dois pontos-chave necessários à ocorrência do processo: o apoio e o sentido. Enquanto o primeiro está ligado à relação do indivíduo com o meio e à forma como este o enxerga, aceitando-o ou rejeitando-o, o segundo ponto corresponde à visão do indivíduo sobre si mesmo, sua história, sobre o sentido de sua existência. Dessa maneira, a busca por sentido se traduz na tentativa de conferir à própria trajetória uma lógica que seja não apenas coerente, mas também aceitável por parte dos outros indivíduos que compartilham o mesmo meio e valores.

O processo de busca – e também de criação – de sentidos que devem ser apresentados para si mesmo e para os outros carece de um mecanismo fundamental para que a história do indivíduo se construa de forma coerente – a narrativa. É a narrativa que permite ao sujeito coletar os fragmentos de sua memória, da sua percepção sobre o mundo e de seus sentimentos e organizá-los de forma a construir uma identidade e remanejar as emoções vividas no passado, integrando-se ao ambiente em que está inserido. Como aponta o autor, o ato de narrar “permite à pessoa se constituir em sujeito íntimo, e a narração convida a assumir seu lugar no mundo humano compartilhando sua história” (CYRULNIK, 2005, p.98).

A importância da narrativa para a construção de sentidos tanto para os acontecimentos passados quanto para o entendimento do próprio indivíduo levou o filósofo Paul Ricoeur (2000) a elaborar o conceito “identidade narrativa”, por ele sintetizado como o “tipo de identidade à qual um ser humano acede graças à mediação da função narrativa” (RICOEUR, 2000, p. 1). Essa função narrativa atua, segundo o filósofo, a partir de uma espécie de entrecruzamento entre história e ficção, por meio do qual o indivíduo pode interpretar a si mesmo de forma narrativa. A compreensão de si, portanto, resultaria de um processo sistemático de interpretação.

Temos uma pré-compreensão intuitiva deste estado de coisas: não se tornam as vidas humanas mais legíveis quando são interpretadas em função das histórias que as pessoas contam a seu respeito? E estas “histórias da vida” não se tornam elas, por sua vez, mais inteligíveis,

quando lhes são aplicadas modelos narrativos - as intrigas extraídas da história e da ficção (drama ou romance)? [...] Parece, pois, plausível ter como válida a cadeia seguinte de asserções: o conhecimento de si próprio é uma interpretação - a interpretação de si próprio, por sua vez, encontra na narrativa, entre outros signos e símbolos, uma mediação privilegiada - esta última serve-se tanto da história como da ficção, fazendo da história de uma vida uma história fictícia ou, se se preferir, uma ficção histórica, comparáveis às biografias dos grandes homens em que se mistura a história e a ficção (RICOEUR, 2000, p. 2)

Tal entrecruzamento entre história e ficção relaciona-se com o estudo da resiliência ao discutir não apenas o ato de interpretação de si mesmo, mas também a relação entre o indivíduo e o meio social. Nesse processo, salienta Cyrulnik, cabe ao indivíduo a seleção dos fatos e episódios com os quais montará a narrativa. O autor aborda esse movimento utilizando a metáfora da quimera, criatura mitológica composta por partes de vários animais distintos – em muitas de suas representações, a quimera tem, por exemplo, cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de serpente. Irreal e, ao mesmo tempo, formada por elementos verdadeiros, a quimera simboliza a capacidade de construir incontáveis narrativas, cada uma com particularidades que as distinguem das outras, a partir dos acontecimentos que nos marcaram.

É nesse processo de seleção dos elementos que compõem cada relato que a arte pode se fazer presente, alimentada pela vivência do artista e influenciada pela relação com o meio. A obra de arte, afinal, defende Vygotsky (2001, p. 329), “nunca reflete a realidade em toda a sua plenitude e verdade real, mas é produto sumamente complexo da elaboração dos elementos da realidade, de incorporação a essa realidade de uma série de elementos inteiramente estranhos a ela”. Como complementam Reis e Zanella (2014):

Considerar a obra de arte em uma perspectiva psicossocial implica em afirmar a arte na arena da vida, pois é a partir das condições concretas de existência – históricas, sociais, culturais, políticas, econômicas – que se configuram (im)possibilidades para a criação, com destaque para a mediação das próprias tradições artísticas com que o artista se identifica ou às quais se contrapõe. Neste sentido, reiteramos que a criação pessoal se dá sempre em um contexto intersubjetivo e no intenso diálogo com a vida [...] Esse movimento de reelaboração dos elementos da realidade e retorno a ela, a partir de um novo processo resultado da objetivação da atividade criadora e estranho a ela, nos permite afirmar que a arte, em suas diferentes modalidades, é um modo de objetivação estética de seu próprio artífice. Trata-se de objetivação da subjetividade que, no movimento de se apresentar a um outro e com este dialogar, é transformada novamente, sendo portanto a subjetividade social e historicamente constituída (REIS, ZANELLA, 2014, p.5)

Por meio dessa articulação entre identidade, narrativa e arte, é possível analisar, a partir das declarações de Gadd sobre os efeitos da produção de “Bebê Rena”, o impacto que a produção e a veiculação da série tiveram sobre como o comediante lidava com seus traumas. Os elementos escolhidos para contar a própria história, a forma como esta foi apresentada e a recepção do público podem ser analisados com o objetivo de entender como foi possível para Gadd lidar de forma mais positiva com os episódios do próprio passado.

Analisar as particularidades desse caso contribui para a discussão de como as narrativas autobiográficas – em especial aquelas produzidas em meio audiovisual – podem contribuir para processos de resiliência e de enfrentamentos de episódios traumáticos. A partir desta reflexão inicial sugerida neste trabalho, propõe-se um estudo futuro mais aprofundado, com uma análise da minissérie e suas correspondências com o passado de Gadd. Também se faz necessária uma discussão interdisciplinar que permita conectar a narrativa audiovisual ao processo de relato autobiográfico e construção de sentidos, com foco nos efeitos desse processo para seus realizadores.

REFERÊNCIAS

CYRULNIK, Boris. **O murmúrio dos fantasmas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CYRULNIK, Boris. **Dizer é morrer: A vergonha**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

GADD, Richard. ***Richard Gadd on Baby Reindeer: ‘It was the most painful, awful, horrible thing I’ve ever done’***. [Entrevista cedida a] GQ Magazine, 19 abr. 2024a. Disponível em: <https://www.gq-magazine.co.uk/article/richard-gadd-interview-2024>. Acesso em: 3 maio 2025.

GADD, Richard. **‘I was severely stalked and severely abused’: Richard Gadd on the true story behind *Baby Reindeer***. [Entrevista cedida a] The Guardian, Londres, 18 abr. 2024b. Disponível em: <https://www.theguardian.com/tv-and-radio/2024/apr/18/i-was-severely-stalked-and-severely-abused-richard-gadd-on-the-true-story-behind-baby-reindeer>. Acesso em: 2 maio 2025.

REIS, Alice Casanova dos; ZANELLA, Andréa Vieira. **Arte e vida, vida e(em) arte: entrelaçamentos a partir de Vygotsky e Bakhtin**. Psicologia Argumento, [S.l.], v. 32, nov. 2017. ISSN 1980-5942. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/20463/19721> Acesso em: 2 maio 2025.

RICOEUR, Paul. **A identidade narrativa e o problema da identidade Pessoal**. Tradução comentada de “L’identité Narrative” de Paul Ricoeur. Arquipélago, p. 177–194, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.